A relação entre Opressão e Exploração

Samara Marino[1]

Atualmente estamos vivendo momentos bastante contundentes quanto a defesa das maiorias minorizadas[2]. É através da luta dos Direitos Humanos que muitos de nós nos colocamos na resistência daqueles que sofrem discriminações de toda ordem. Afirmamos que os Direitos Humanos, criados no ano de 1945, são compreendidos como inerentes ao ser humano, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origem social ou nacional, condição de nascimento ou riqueza. Mas, todos os dias assistimos ao não comprimento destes direitos, de discursos de ódio a morte de Marielle Franco (PSOL/RJ), são uma demonstração de que as contradições de nossa sociedade não são resolvidas como em gritos de guerra de torcidas de futebol.

Os padrões e valores morais que acreditamos naturais foram constituídos historicamente. A sociedade contemporânea é resultado de muitas lutas e expressa uma contradição central: a relação entre as classes que a compreendem (os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores). Ambas não sobrevivem isoladas uma da outra, sua relação se dá na compra e venda da capacidade de trabalho dos trabalhadores pelos proprietários dos meios de produção, ou a exploração do trabalho. Mesmo assim, o conceito de classe não se define somente pela posição diante da propriedade ou não dos meios de produção. Se define também pela posição de cada indivíduo no interior de certas relações sociais de produção e ainda pela consciência que associa ou distancia de uma posição de classe e pela ação dessa classe nas lutas concretas.

Não basta pertencermos a uma classe no sentido de origem e mesmo situação, temos que levar em consideração a ação e a consciência que possibilitam a identidade com uma determinada classe. E para compreender classe é necessário apreender a dinâmica da luta de classes e além disso, também temos que nos preocupar com a dimensão da escolha racional de classe.

Como afirmou Mauro Iasi (2006), "Marx vê as classes como sujeitos das alterações históricas, como mediações históricas das contradições estruturais que amadurecem no interior de cada sociedade". E entender todo esse processo exige de nós, compreender não apenas a dinâmica econômica restrita da exploração capitalista, mas compreender as particularidades e diferenças dos sujeitos que a compõem e como o capital se apropria delas para gerar mais lucro. A Classe trabalhadora é heterogênea, isto é, são pessoas reais, diferentes entre si e que fazem escolhas pessoais. "(...) não podemos negar a existência de componentes como sexo e "raça"/etnia nas relações de classe, já que assim como a classe, as pessoas não são homogêneas, ainda mais uma sociedade desigual" (CISNE, 2014:23).

Historicamente falando afirmamos que "(...)O primeiro antagonismo de classe que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia e a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino (Engels, 1979, p.22).

---

[1] Pós-graduada em Direitos Fundamentais e Psicopedagogia, educadora popular, coordenadora do Cursinho Popular Lima Barreto, Secretária Política Estadual do Coletivo Feminista Classista Ana Montenegro.

[2] Chamamos maiorias minorizadas todos os grupos que sofrem opressões nesta sociabilidade e numericamente não são minorias na população: mulheres, negros e negras, LGBTs.

Isso demonstra a necessidade de analisarmos as relações entre classe e sexo. Essa determinação "natural" surgiu para atender aos interesses dominantes de garantia e reprodução da propriedade privada, bem como da força de trabalho. A diferença de sexo está presente desde a origem do antagonismo de classe até hoje e "Negar a dimensão de sexo no trabalho é negar a realidade em que vive a classe trabalhadora, em especial as das mulheres, em sua relação com o capital" (CISNE, 2014, p.25). Podemos verificar alguns pontos dessa diferença, tais como, postos de trabalho mais precarizados e mal remunerados; persistência da divisão sexual do trabalho que gera desigualdades entre homens e mulheres pertencentes a mesma classe; jornada extensiva e intensiva de trabalho e não reconhecimento do trabalho doméstico e reprodutivo.

Sendo assim vemos que não é possível separar as relações de produção das relações sociais, das quais as relações de sexo são indiscutivelmente parte constitutiva. A importância em se perceber a heterogeneidade da classe não está no reconhecimento das especificidades que nela existem. Trata-se de analisar discriminações de sexo no trabalho não só com as mulheres. Cisne (2014:26) afirma "Da mesma forma, podemos utilizar essa reflexão para a questão étnico-racial. O racismo é também um dos elementos fundamentais para desvelarmos os mecanismos de dominação e exploração de classe". Essa percepção da heterogeneidade da classe nos possibilita engendrar táticas que podem se traduzir "em práticas reivindicatórias diferenciadas e autônomas, desfazendo a centralização e a hierarquização que tornam invisíveis as formas de resistência de uma parte da classe operária" (Souza-Lobo, 2011, p.79). Essa perspectiva transforma o problema de alguns sujeitos (mulheres, negros, etc.) em um problema de todos os que são trabalhadores.

Recapitulando então, a classe trabalhadora não é uma massa homogênea, tem "raça"/etnia e sexo. O sistema capitalista não é só uma divisão em classes antagônicas. Esse sistema lança mão de tradições para justificar a marginalização efetiva ou potencial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviços. "Assim é que o sexo, (...), fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva na constituição das classes sociais" (SAFFIOTI, 1979:35). As particularidades da estrutura da classe trabalhadora (raça/etnia, sexo, orientação sexual), combinados ou não, imprimem determinações e implicações diferenciadas para as mais variadas frações que a compõem. Tal estrutura se apresenta como uma hierarquia da desigualdade no interior desta classe e segue a seguinte ordem: homens brancos, mulheres brancas, homens negros (e pardos) e mulheres negras.

> Há ainda outra dimensão importante a se considerar nessa "ordem" hierárquica, que é o sistema heterossexual obrigatório de organização social. Os homens brancos e heterossexuais possuem muito mais privilégio do que o outro lado extremo da hierarquia social: a mulher negra, lésbica e pobre. Assim a dimensão da orientação sexual, nessa sociedade patriarcal, engendra opressões particulares. (CISNE, 2014:26).

Apesar de reconhecermos a multiplicidade dos sujeitos inseridos em uma mesma classe, não queremos isolá-los em suas "identidades". (...) precisamos perceber o sujeito classe trabalhadora, em sua totalidade, o que exige

desvelar suas particularidades e singularidades. Sendo assim, a determinação central da classe trabalhadora não pode secundarizar os demais elementos estruturadores desse sujeito, e estes elementos não excluem o pertencimento de classe desses sujeitos. "(...) As relações entre classe, "raça"/etnia e as "relações sociais de sexo" como unidade que determina o sujeito totalizante: a classe trabalhadora" (CISNE, 2014:31). A autora é confirmada por Saffioti (2004:125):

> "Há, portanto, uma unidade dialética entre as subestruturas básicas de poder da sociedade capitalista na qual essas categorias estão organicamente integradas. Dessa forma, "o importante é analisar estas contradições na condição de fundidas ou enoveladas ou laçadas em um nó. (...) No nó a dinâmica de cada uma condiciona-se a nova realidade, presidida por uma lógica contraditória".

Esse nó não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva na análise sociológica, uma vez que as relações sociais de classe, sexo e raça são coextensivas, ou seja, ao se desenvolverem, elas "se reproduzem e se correproduzem mutuamente" (CISNE, 2014:31). Sendo assim, temos um imperativo materialista enquanto pressuposto: nas relações de classe, raça/etnia, sexo, orientação sexual, exploração, dominação e opressão se entrecruzam.

Consideramos então que a diversidade da classe se faz necessário, mesmo assim, não devemos nos perder no enfoque das diferenças em detrimento da luta política formada pela criação dos sujeitos coletivos em torno de uma luta classista, que deve ser o ponto comum entre todas as lutas que buscam o fim das desigualdades sociais.

Referências Bibliográficas

ENGELS. Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** São Paulo: Centauro, 2002.

CISNE. Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe.** São Paulo: Cortez, 2014.

IASI, Mauro. **Ensaios sobre a Consciência e Emancipação.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAFFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Secretaria Municipal de Cultura/Brasiliense, 2011.